

Interconf em momento político

Evento discutiu necessidade de um “discurso” sólido e coerente em defesa do agronegócio e da pecuária, em particular.

■ MARISTELA FRANCO

maristela@revistadbo.com.br

Coincidindo com o período de campanha eleitoral, a 7ª Interconf, Conferência Internacional de Confinadores, realizada entre os dias 15 e 18 de setembro, em Goiânia, GO, foi marcada por reflexões (e discursos) sobre a realidade político-econômica brasileira, tendo a pecuária em foco. A cerimônia de abertura, na noite do dia 15, contou com a presença de autoridades e candidatos de todos os naipes em busca de eleitores. Primeiro a falar, o presidente da Federação de Agricultura de Goiás, Leonardo Ribeiro, ressaltou a necessidade de o agronegócio olhar mais para fora da porteira, mensagem reforçada por outros palestrantes e pelo jornalista Heraldo Pereira, da Rede Globo, que ordenou o debate inicial do evento sobre as propostas dos “presidenciáveis” para o agronegócio.

Heraldo lembrou que o discurso (comunicação) é como uma árvore: deve ter raízes sólidas e ramificar-se de maneira coerente para passar uma mensagem clara à sociedade, tarefa mal cumprida pelo agronegócio. Segundo ele, é fundamental que o setor entenda como se formam os discursos e construa o seu, participando ativamente de processos políticos, como fez na questão do Código Florestal. Do contrário, continuará sendo alvo de campanhas detratórias, que lhe impingem imagens negativas associadas ao desmatamento e ao trabalho esca-



Debate de abertura da conferência contou com auditório lotado

vo. “Discurso de vítima não cola mais; o setor deve trabalhar positivamente seu papel como gerador de riquezas e se fazer ouvir. Quantas vezes a palavra agronegócio foi citada nos programas dos candidatos à presidência? Apenas duas ou três. Pensem nisso”, alertou Heraldo.

A palestra do jornalista global (mesmo sem o brilho esperado) focou um ponto realmente sensível da cadeia pecuária bovina: falta de articulação interna e discurso alinhado. Sensível ao problema, o presidente da Assocon, Eduardo Moura, tem defendido que a entidade amplie sua atuação e passe a trabalhar pela cadeia, junto com outros segmentos, de forma a movimentar a agenda do setor pecuário, há décadas estagnada por causa de problemas que não se resolvem, como a relação conflituosa dos produtores com os frigoríficos e a falta de um sistema nacional de classificação de carcaças. No ano passado, a Assocon mudou seu estatuto para receber sócios não confinadores (já são 10). “Podemos nos

transformar no embrião de uma entidade que congregue toda a cadeia bovina”, diz Moura.

COMO VAI A ECONOMIA – Depois de uma abertura marcada pela política, o primeiro dia de palestras da Interconf centrou-se na economia brasileira, analisada com propriedade por Caio Megale, economista do Itaú Unibanco. Segundo ele, a recuperação norte-americana está elevando os juros internacionais, que funcionam como um aspirador de pó, sugando o excesso de dólares disponíveis no mercado.

Isso pressiona a taxa de câmbio no Brasil para cima, elevando os custos das importações e das dívidas em dólar. “Mas é bom que os Estados Unidos voltem a crescer, porque isso estimula nossas exportações”, salientou.

A China, segundo Megale, depois da desaceleração de 2011/2012, vem mantendo crescimento estável, mas números recentes trazem preocupação, pois apontam queda na produção industrial. “A supersafra norte-americana derrubou os preços agrícolas interna-





Produtores aproveitam intervalo para se informar e fechar negócios

cuja “ilegalidade” é difícil de comprovar. Segundo Sílvia Helena de Miranda, professora da Esalq, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, essas barreiras podem ser técnicas (rastreadibilidade, rotulagem), sanitárias (quarentena, restrições a medicamentos ou aditivos, exigência de origem, limites máximos de resíduos) ou ambientais, como a Lei Grenelle, da França, que determina a inclusão da “pegada de carbono” no rótulo dos produtos, por enquanto voluntariamente.

As barreiras sanitárias, em especial, causam grandes prejuízos à carne brasileira, porque restringem seu acesso a mercados importantes como os Estados Unidos e o Japão (caso da febre aftosa) e geram custos com monitoramento (caso das avermectinas). Segundo João Palermo, professor da Universidade de São Paulo, o controle de resíduos químicos é necessário, e o Brasil segue normas do Codex Alimentarius nessa área, mas, no caso das avermectinas, têm se constatado violações que

podem estar associadas a vários fatores, como a dosagem, o local de aplicação ou adoção do mesmo prazo de carência para produtos diferentes. No caso da carne industrializada exportada para os Estados Unidos, porém, a principal causa das violações está na metodologia usada por esse país, que finalmente está sendo revista (veja matéria na pág. 60).

Alexandre Pontes, coordenador geral de negociações do Ministério da Agricultura na Organização Mundial de Comércio (OMC), falou sobre o papel dessa instituição e sobre o Acordo de Aplicação de Medidas Sanitárias, que busca coibir o emprego de normas não tarifárias como barreiras ao livre comércio. No caso das avermectinas, Pontes dis-

se que o Mapa está mantendo um canal aberto com o Sindan para discussão do problema, mas que a indústria veterinária não deu atenção aos “sinais amarelos” enviados pelo órgão, daí a proibição. Fernando Saltão, diretor de confinamentos da JBS, informou, durante o debate que se seguiu sobre o tema, que o índice de resíduos, em análises feitas pela empresa após a proibição dos produtos de longa ação, subiram em vez de cair. “Devem estar desovando estoques irresponsavelmente”, criticou o executivo.

FOCO EM PRODUTIVIDADE – Focado em questões mais técnicas, o segundo dia de palestras da Interconf foi aberta pelo pesquisador Gustavo Siqueira, da Apta-Colina, que apresentou, de maneira didática e bem humorada, as alternativas disponíveis para a melhoria da produtividade na pecuária brasileira. Para começar, citou uma frase do agrônomo Fernando Cardoso, que acaba de comemorar 100 anos de idade: “O Brasil é um país onde as pessoas acham muito, observam pouco e medem quase nada”. Essa realidade, segundo ele, precisa mudar, pois as margens da pecuária estão se estreitando. “Vocês estariam aqui, na Interconf, se suas margens fossem de 50%?”, perguntou Gustavo aos produtores.

Dia de campo concorrido

Neste ano, o dia de campo da Interconf foi realizado no Confinamento São Lucas, em Santa Helena, 200 km a sudoeste de Goiânia. O projeto, que foi capa de *DBO* em agosto de 2013, pertence aos irmãos Alexandre e Gustavo Parise. Tem capacidade instalada para 20.000 bovinos/ano e pretende engordar 50.000 em 2014. Como recebe gado de vários lugares, faz um “manejo de recebimento” caprichado, fornecendo aos animais água à vontade, medicamentos para fortaleci-

mento da imunidade e dieta de recuperação, com 90% de volumoso.

O confinamento funciona o ano inteiro, possui um moderno curral de manejo (que também já foi objeto de reportagem da *DBO*) e trato automatizado, com ajuda do sistema Feed Traces, da Nutron. Além de gado próprio, a empresa engorda animais de terceiros, em parceria ou por meio da prestação de serviços. A média de ganho de peso diário, no ano passado, foi de 1,6 kg/cabeça/dia e o rendimento de 54,15%. O evento recebeu mais de 500 participantes, não escapando também ao momento eleitoral.



cionais, mas favoreceu a produção de carnes”, frisou o economista, evitando análises unilaterais. O crescimento brasileiro desapontou nos últimos anos, apesar de o governo ter reduzido os juros, concedido alguns estímulos fiscais e elevado o salário mínimo para puxar a demanda, na tentativa de atrair investimentos. “Não funcionou: as vendas no varejo cresceram, mas a indústria estagnou, em razão dos custos de produção elevados. Isso é ruim, pois gera déficit na conta corrente do País, exigindo cada vez mais capital externo”, explicou o analista.

Outros fatores preocupantes, segundo ele, são a retração no consumo interno, por causa do alto endividamento das famílias (45,7%); a deterioração fiscal, com a dívida pública fechando 2014 em 59% do PIB, e a inflação, que somente ficará em 6% neste ano porque o governo segurou os preços administrados (gasolina, energia, etc.), que deverão explodir em 2015. Esse quadro negativo diminuiu a confiança da indústria, que está investindo menos, e dos consumidores, que reduziram suas compras. A desaceleração já estaria chegando ao varejo e esfriando o mercado de trabalho. Megale, porém, não se mostrou pessimista. “O momento é complicado, mas o País vai voltar a crescer, em função de seu enorme mercado interno. Em que ritmo? Isso dependerá dos investimentos em infraestrutura e educação.”

Números da Interconf 2014	
Inscritos ¹	1.664
Público presente	1.028 pessoas
Origem	57% GO e 18% SP
Produtores ²	66%
Minicursos	2, com 310 alunos
Dia de campo	507 presentes
Pré-conferência	380 pessoas
Patrocinadores	38

(1) Reúne inscrições pagas e convidados de empresas;
(2) Produtores com seus colaboradores Fonte: Assocon

CARNE BOVINA – Procurando inserir a pecuária bovina em um contexto maior, Alberto Pessina, vice-presidente da Assocon, mostrou que o envelhecimento da população nos países em desenvolvimento exigirá maior produtividade também na pecuária, seja para alimentar maior número de pessoas inativas (jovens e velhos), seja para incrementar as exportações, que ajudam a sustentar os preços do setor. “Temos de trabalhar em conjunto, eliminar desconfianças entre os elos da cadeia, para construir uma imagem positiva da carne brasileira”, disse Pessina, retornando ao ponto central do debate de abertura da Interconf, que, neste ano, reuniu um público de 1.028 participantes (veja tabela acima).

Segundo Raul Amaral, pesquisador do Itai, Instituto de Tecnologia de Alimentos de São Paulo, para que a carne bovina continue em destaque no cardápio

nacional, é preciso entender as mudanças ocorridas no perfil dos consumidores brasileiros, que seguem tendências internacionais como maior praticidade e conveniência, preocupação com o meio ambiente, preferência por produtos saudáveis e valorização da qualidade. Esse alinhamento foi comprovado pela pesquisa Brasil Food Trends 2020, conduzida pelo Itai em parceria com a Fiesp, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

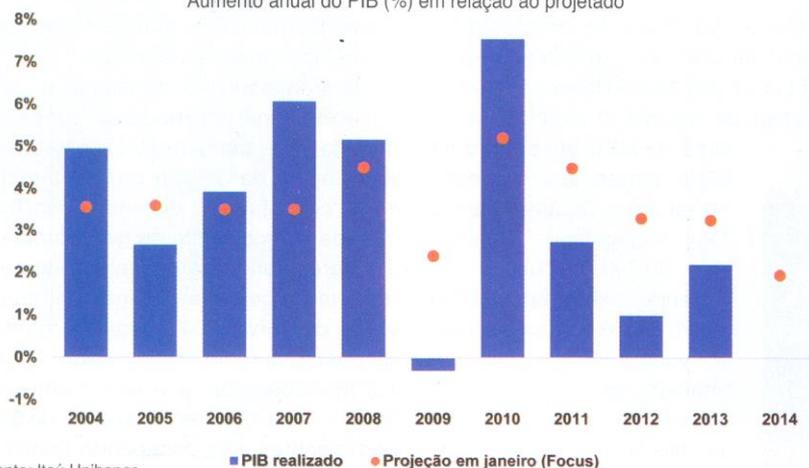
Conforme o estudo, 34% dos consumidores brasileiros valorizam quesitos como conveniência e praticidade, pois não têm tempo para cozinhar. “Essa é uma boa notícia para a indústria nacional de alimentos processados; mas, ela precisa melhorar a qualidade de seus produtos, pois já existem concorrentes importados chegando ao mercado”, alertou Amaral. A busca por praticidade é mais forte nas classes A, B e C, mas já está sendo observada também nas classes D e E, que melhoraram seu nível de renda e assumiram o papel de impulsionadora do consumo de alimentos no Brasil, sendo responsáveis por 60,9% dos gastos nessa área.

A pesquisa identificou ainda um segundo grupo de consumidores (23%) que se guia pela “sensorialidade”, comprando por impulso aquilo que acha mais gostoso, independentemente de ser bom para a saúde ou não. Um terceiro grupo (23% do total de entrevistados) valoriza qualidade e se mantém fiel a marcas que considera confiáveis. Essa tendência explica o crescimento dos programas de gastronomia na TV, por exemplo. Finalmente, a pesquisa identificou um quarto grupo de consumidores, os chamados “Lohas”, sigla para *Lifestyles of Health & Sustainability* (estilo de vida saudável e sustentável), que está crescendo rapidamente. No Brasil, esse grupo já representa 21% dos consumidores. No mundo, os Lohas já somam 100 milhões e 7% deles são ativistas.

BARREIRAS CRESCENTES – Da mesma forma que o mercado consumidor se sofisticou, o comércio internacional também lida com regulamentos cada vez mais complexos, muitos deles camuflados em barreiras não tarifárias,

Brasil: crescimento desapontou nos últimos anos, apesar dos estímulos

Aumento anual do PIB (%) em relação ao projetado



Segundo ele, existe grande variedade de sistemas de produção no Brasil, o importante é saber exatamente o que se quer produzir, quanto custa manter o boi, qual o custo final por arroba e o lucro obtido, aferido com base no conceito de “rendimento do ganho” (parte do peso engordado que é efetivamente transformado em carcaça).



“Pasto é barato no Brasil? Sim, quando ele existe e tem qualidade. Cuidado com a filosofia do ‘tá lá mesmo’; não basta evitar que o boi perca peso na seca, ele precisa engordar para pagar pelo menos seu custo operacional. Somente se consegue isso com planejamento forrageiro. Difícil não é produzir, é colher bem o capim”, salientou o pesquisador, lembrando que a fazenda deve ser conduzida como uma empresa produtora de carcaça.

Para exemplificar a importância do uso de tecnologias para melhoria da produtividade na pecuária, foram apresentados dois estudos de caso. O primeiro foi a Fazenda Tabaju, de Novo Horizonte, SP, que adota modernas ferramentas de gestão em seu confinamento com capacidade para 25.000 cabeças e se tornou modelo de sucessão familiar, com o proprietário Diego Castilho trabalhando em sintonia perfeita com a filha, Rafaela, formada em administração. O segun-

do caso foi o da Fazenda Nossa Senhora das Graças, em Caarapó, pertencente a André Bartocci, que engorda animais jovens a pasto, com uso de genética melhoradora, integração lavoura-pecuária e semiconfinamento estratégico.

A Interconf 2014 contou ainda com dois palestrantes internacionais: Dan Loy, este professor da Universidade de Iowa, e Peter Barnard, presidente da MLA (Meat & Livestock Australia), entidade que trabalha

pela promoção e desenvolvimento da pecuária australiana. Dan Loy apresentou modelos de instalações para quem deseja confinar gado o ano inteiro e Barnard encerrou o evento falando sobre o crescimento da demanda de carne bovina, especialmente na China. Também criticou as políticas de autossuficiência de países que não têm aptidão para a produção agropecuária. “Isso é ilógica e traz problemas a longo prazo”, concluiu. ■

Evento da Phibro incorpora-se à Interconf

O Encontro da Pecuária Eficiente, organizado tradicionalmente pela Phibro um dia antes da Interconf, neste ano foi incorporado oficialmente à programação da conferência, ocorrendo no mesmo local, o que facilitou a participação do público. Com programação eminentemente técnica, o evento recebeu, neste ano, um convidado ilustre: o professor Moacyr Corsi, que proferiu uma “aula master” sobre mitos da produção intensiva, recapitulando conceitos fundamentais do manejo de pastagens e tirando dúvidas dos produtores presentes. Corsi disse que “quem controla, administra”, e criticou os produtores que tratam a “integração como brincadeira”, sem incorporar a pecuária de fato ao sistema de produção, de maneira intensiva.

Após Alcides Torres, da Scot Consultoria, analisar as atuais tendências de mercado, Alaor Ávila Filho, gerente da Fa-

zenda Panorâmica do Turvo, em Indiará, GO, contou a história desse projeto, que deixou de ser “uma fonte de despesa” para se tornar um exemplo de produtividade, começando com a rotação de pastagens adubadas e depois incorporando técnicas como o confinamento a pasto. A fazenda produz, atualmente, 31@/ha/ano. O professor Corsi, que apresentou uma segunda palestra, desta vez sobre a viabilidade econômica da intensificação, ressaltou os resultados do Projeto Pecuária Verde, em Paragominas, PA, que também está obtendo resultados semelhantes.

Como todo mundo está preocupado com a cria, Maurício Palma Nogueira, da Agroconsult, com sede em Florianópolis, SC, disse que o avanço da pecuária sobre a fronteira desequilibrou o mercado de bezerras, dando a sensação de oferta ilimitada. “A realidade atual é outra. E a adoção de tecnologia para melhorar a produtividade da cria vai elevar os custos”, lembrou. Na sequência, Guilherme Pontieri, da Agro Pontieri, de Goiatuba, GO, apresentou os resultados de seu Programa 20-20, que visa ao abate de novilhos com peso de 20@ aos 20 meses, trabalho conduzido dentro do Programa de Melhoramento Genético Nelore Qualitas, dirigido pelo veterinário Leonardo Souza. “Temos dois ideais de boi no Brasil: o do pecuarista, que busca o maior lucro, e o do frigorífico, que deseja atender demandas do mercado consumidor. Temos de juntar esses bois”, recomendou Souza.

Palestra do professor Moacyr Corsi fez revisão de conceitos

